

## LESSICO FAMIGLIARE. QUESTIONARI E CONFESSIONI – CARLO MICHLESTAEDTER<sup>1</sup>

[LESSICO FAMIGLIARE. QUESTIONARI E CONFESSIONI – CARLO MICHLESTAEDTER]

Angela Michelis \*

**RESUMO:** Carlo Michelstaedter é um pensador do limite: limite entre a normalidade da tradição de pensamento que surge na modernidade e a anormalidade que surge com a tradição da filosofia existencialista do Séc. XX, que se recusa a conceber a consciência como puro resultado de uma relação com a coisa. Inaugurando um pensamento filosófico ímpar e de estilo radical, sua filosofia se presta a representar o modo de vida real de uma família nobre judaica que vive na Europa Central, marcada pelo conflito e pela dor da ausência de uma terra própria, uma pátria. Nesse artigo são narrados os sofrimentos e as concepções advindas dessa situação pelo próprio autor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Existencialismo; reflexão; filosofia judaica.

**ABSTRACT:** Carlo Michelstaedter is a philosopher of the limit: limit between the normality of that thought coming from the modern era and that one coming from the anormality from the existentialist philosophy around 20th Century. This kind of philosophy refuses to concept the philosophy as product of the relation between the mind and the object. He begins a kind of single and radical philosophical thought, and his philosophy straight to represent a real way of life of a rich jewish family living at Central Europe, characterized by the conflict and pain for not having a country like a home. This article aims to tell about that suffering and conceptions coming from that situation.

**KEYWORDS:** Existencialism; reflection; jewish philosophy

Permanecem sobre a releitura da compilação de parte da obra de Carlo Michelstaedter um questionário familiar<sup>2</sup>, publicado separadamente por Sergio Campilla, no volume *A ferri corti com la vita* – primeira edição em 1974, e a segunda em 1981. Descobre-se, com isso, uma operação hermenêutica interessante com o objetivo de investigar um pouco mais as relações entre o pensador e a existência deste autor jovem, com uma juventude imortal – como já escrevera Alberto Cavaglian, em 1988<sup>3</sup>.

\* Ph.D Turin University. She has written numerous articles and books on Carlo Michelstaedter, Hans Jonas with official translations to Italian, some articles on Augusto Del Noce, Italian philosophers. She is interested in history of philosophy, in contemporary theoretical and moral thought and its roots in classical philosophy. She was member in examination boards of theoretical and aesthetic philosophy at the Department of Philosophy of the University of Turin. She has the title of Professor of II level in Moral Philosophy for National Scientific Habilitation in Italy (2014). She is redactor of the national journal "Filosofia e Teologia" (Philosophy and Theology), she is part of the steering committee of the journal on the philosophy and psychoanalysis "L'ombra" (The Shadow). m@ilto: angmich@tin.it

Como objetivo, neste artigo, trata-se de esclarecer a dissonância entre o lugar interior e exterior no qual nasce a pesquisa sobre o belo e o bem, em Carlo Michelstaedter, que remete para sua grandiosa tentativa de transformar esta dissonância em harmonia. O sentido e o significado da parábola michelstaedteriana, em sua essência, é expressão da tragédia do viver, de fato, que procura harmonia e paz a partir do momento presente da comunicação da palavra persuadida, da palavra que quer recolher aquilo que de universal está presente no individual.

A ambiguidade estilística e conceitual, bem como falta de sistematicidade, que, neste autor, representam sinais de amargura, são igualmente traços característicos da filosofia existencialista, como também traços da filosofia de Carlo Michelstaedter, imagens fiéis da ambiguidade multiforme e aberta da vida, que excede as nossas racionalizações. Nas filosofias desse tipo, são sinais paradoxais de coerência, motivos de atualidade persistente, frescor, e atratividade. Em Michelstaedter são, além disso, manifestações do exercício deliberado de persuasão antirretórica, de uma busca sem compensações da verdade do viver individual e da palavra persuadida, ainda que não totalmente, a fim de se expressar e de se comunicar em um espaço de autêntico amor pacificante, *filia*, pela vida.

Carlo Michelstaedter escreve, nestas confissões<sup>4</sup>, que “Tentar abstrair das mais fortes expressões da arte a razão humana do belo” é a sua ocupação preferida. E declara que, para ele, a felicidade consiste “na intensidade dos sentimentos ligada com a faculdade de expressar-se”.

Ao abrir suas confissões, todavia, com uma reposta que remete imediatamente à consciência da precariedade e da imperfeição, alguns resultados na busca pela ética, assim como na complacência das expressões e da escritura, ele reconhece, assim, Sócrates como o grande mestre. À pergunta *Qual virtude emerge de ti?*, prontamente responde: “Por que far-me-ia perder esta minha única virtude, exigindo uma autoconfissão?”

Surge, neste contexto, um modo de existir que, do espontâneo, do natural, toma o impulso propulsor do amor universal, amor que na sua idealidade é meta do viver persuadido, de Michelstaedter. Em relação à pergunta pelo o amor, escreve ele: “Defendo que o amor acolha em si todos os sentimentos e os intensifique, tornando-se uma individualização do amor universal de todas as coisas; creio, entretanto, no amor, em certo sentido, ideal”. Michelstaedte sabe, contudo, que casos de sucesso pessoal e de degeneração, casos de vida e de morte estão presentes, ou são possíveis, em cada indivíduo. Por isso, ele sente compaixão pelo ser humano e deseja compartilhar seus defeitos. O afeto pelos próprios familiares aparece forte, ainda que saiba se situar momentaneamente no conflito; tem atração por mulheres. Declara aversão por tudo que é artefato e embrutecido, tem predileção pela literatura e pela arte italianas, incluindo a paixão por Firenze.

A pergunta sobre qual seria o dom preferido de um homem, Michelstaedter responde: “uma vontade decidida e forte”, uma vontade que pode conduzir, segundo ele, à retórica das convenções burguesas degeneradas, uma vontade que, mesmo assim, não se apresenta sem “o desequilíbrio de motivos internos intensos”, conforme escreve na mesma resposta. Em relação ao seu estado de ânimo atual, assim escreve ele: “duvido de mim”.

Estas palavras, em concordância com o pensamento do ser, de Carlo Michelstaedter, como um todo, podem muito bem sugerir um exemplo da compreensão residual do mundo, possível no caos e na angústia da alta modernidade, mas, ao mesmo tempo, suas obras e sua existência apontam para traços do “indestrutível” do qual se originam, lembrança daquela harmonia que ainda escutamos no silêncio, na fundo de

nossa interioridade, na qual não temos mais palavras certas nem satisfatórias para definir: alma, consciência, razão, mente? Responde-se, assim, à questão sobre por que este autor, meio “imaturado”, percebeu um rápido crescimento da atenção de um público cada vez maior e de estudiosos de campos e orientações diversas. Michelstaedter continua a despertar grande interesse de pesquisadores diversos, sobretudo porque viveu de modo autêntico e se comunicou com intensidade e radicalidade em vários idiomas, com preocupações e problemas essenciais do ser humano, entre os quais a consciência e o tormento, característicos do homem contemporâneo, como bem observou a Profa. Nynfa Bosco, da Universidade de Turim, a qual iniciou os estudos sobre Michelstaedter. Em 18 de agosto de 2013, porém, ela faleceu.

Carlo Michelstaedter expressa a dupla incapacidade do ser e do não-ser, de acordo com a tradição, no início do século XX, fazendo uso de uma dialética própria da modernidade, que encontra a sua imagem metafórica em cada figura diaspórica da emancipação traída pela história ou pela própria experiência existencial. Ele expressa sentimentos e pensamentos que podem ser bem representativos de seguidores da idade moderna, os quais lê com uma sensibilidade aguçada até as neuroses, e com uma coragem intelectual fora do comum. Nesse aspecto, com certeza, foi influenciado por suas múltiplas matizes culturais, bem como o apego a determinados lugares: é originário da Europa Central, onde viveu desde o início do século XX e narrou a própria crise até o fim, pertenceu a uma minoria judaica, cresceu sufocado entre a assimilação e custódia de sua diferença e a atração pela língua, literatura e arte italianas, o desejo pela alma da cultura italiana.

Michelstaedter vive respirando os tempos irresolvidos da crise da razão, da certeza do positivismo burguês-europeu, dos desafios da vanguarda em relação aos saberes cristalizados, aventurando-se, enfim, numa peregrinação final entre fraturas epocais complexas e interligadas, uma peregrinação que termina com uma resposta heroico-sacrificial. Parece um heroísmo fraco, entretanto, isto que vive Michelstaedter, um heroísmo fraco de quem se entrega ao destino, com o suicídio, no retorno do pensador à vida; entretanto, na espetacularidade alcançada entre pesnamento e vida, na impossibilidade de domínio absoluto de si, torna-se ainda mais próximo ao nosso sentir e ao nosso ser.

Na contemporaneidade, a pálida identidade do ser humano quase se reencontra e se reconstrói no imaginário da literatura, da arte, até mesmo na ideia filosófica; mas esta busca de reconexão é marcada por um destino de dificuldades, por uma generalidade própria, cuja remoção, que se confunde com a solidão da subjetividade, pode ser fatal, e representar o mais ingrato dos destinos a ser alcançado em vida.

Em Carlo Michelstaedter, o lugar da verdade é uma urgência primária, ou seja, respeito para com a harmonia formal, enquanto razão de vida, enquanto busca de sentido em cada atividade, na criação gráfico-pictórica, até a literária e filosófica.

Carlo, ainda bastante jovem, em agosto de 1905, escreve em uma agenda o seguinte: no momento em que sentimos a sublime verdade das coisas no êxtase do sentimento e na produção artística, nós saímos do nível das aparências que formam a nossa individualidade, e, neste momento, nós nos misturamos com a natureza que admiramos, pois o próprio sentimento em si é natureza. Nesse instante, nós participamos da verdade objetiva e única, da “imagem inalcançável da verdade”, ainda que não estejamos conscientes disso<sup>5</sup>.

Nos *Scritti scolastici*, Michelstaedter descreve a arte como sendo “una sempre, porque uno é um sentimento que faz parte da natureza, do mundo absoluto”. Entretanto, a sensibilidade artística por si mesma, em nós, não é absoluta. E se, por um momento, esta sensibilidade se confunde com a natureza, que nos liga imediatamente com a

beleza universal, a consciência dela torna-se, por isso, individual, porque advém de um organismo especial de um homem<sup>6</sup>.

A expressão artística parece inerente ao indivíduo que a cria; assim escreve ele na conhecida *agenda O*: “a obra de arte é uma reprodução subjetiva do espírito das coisas, reprodução esta completamente espontânea e inspirada”<sup>7</sup>. Nos *Scritti scolastici* Michelstaedter não se esquece da perspectiva histórica, em particular, dada a profundidade da própria reflexão estética: assim, na explicação do sentimento da arte, o artista imprime o selo da individualidade. Mas “os meios da expressão, os elementos de sua técnica são estritamente dependentes da disposição particular do seu espírito em relação ao lugar onde ele nasceu e viveu, às tradições e ao tempo”<sup>8</sup>. Assim, conclui ele que “cada intuição artística possui em si a razão da sua forma”<sup>9</sup>, e em *Il dialogo della salute* adverte metaforicamente o artista que “deseja ver além do muro a sombra do seu próprio perfil, no qual, precisamente, ele se destrói”<sup>10</sup>. Para ele, “é falso estabelecer leis sobre meios da expressão artística”. A busca do belo, a preocupação com a forma, a reflexão crítica não devem transformar-se em impedimento da expressão da intuição artística.

Para Michelstaedter, conforme está escrito nos *Scritti* publicados por Gaetano Chiavacci, em *Opere*, é “a experiência artística é a dor mais aguçada e a vida mais presente, e provoca a alegria mais intensa na afirmação de si mesmo”. Todavia, em relação ao artista, dizemos que “ele carrega apenas o peso da dor e compensa com a alegria e a vida, sempre buscando, porém, as coisas da vida como prêmio e alegria [ ... ] Na sua desilusão, a dor não ganha vida nem forma por si mesmo”<sup>11</sup>. Ganhamos apenas a imagem retórica do seu tormento, a materialidade das dores, das desilusões, não a vida da desilusão, a voz da saúde e da verdade.

Michelstaedter sempre repete: “A vida é vontade de vida, vontade é deficiência, deficiência é dor, cada vida é dor. Mas cada coisa que vive, crê que é uma coisa viva e que tem [plenamente] a vida; e a dor não chama dor – a dor chama a revelação da não-essência do processo no qual crê, naquilo que achava que estava sob seu controle”<sup>12</sup>. Se a luz não resplandece sobre a “irrealidade do processo”, para vivê-lo intensamente, ela retorna para coisas novas, semelhantes às que se que situam ao nível de uma certa transitoriedade. E esse processo funciona como uma espécie de compensação, dado que ainda sofre calada.

Quem quer que deseje viver verdadeiramente, recusa-se a viver em relação a coisas que tornam vã a alegria e a dor dos outros – e não se contenta com qualquer processo ilusório de que possa gozar, ou com a adesão imediata e apaixonada do viver, nem mesmo com o colorido disfarçado de todas as coisas. “A sua vida é a recusa e a luta contra todas as tentações dessas satisfações ilusórias, sem desperdiçar o ato das correlações contínuas – que são poses ilusórias – que se afirmam e tomam forma, e se criam em si mesmas”, ou seja, tornam-se arte<sup>13</sup>. Esta é autêntica via do artista!

O questionamento desorientado pela verdade surge da interioridade abissal da pessoa como desejo de um presente mais intenso, plenamente satisfeito, que destrói as construções arbitrárias e artificiais das ficções da vida e não suporta a ideia de um primeiro-criador, bem como a retórica da arte, da cultura, da sociedade e da política. Torna-se, deste modo e radicalmente, sublime empenho ético, consistência no presente, ou, em uma palavra, persuasão.

Em *La persuasione e la Rettorica*, descrevendo a multidão, aquela que sobressai da maioria, Michelstaedter observa: “Para a vida comum os homens seguem em uma busca que não tem começo nem fim; vão e vêm, competindo, realizando tarefas como se fossem formigas – algumas vezes trocando-as entre si, – certamente, pela caminhada que fazem, retornando sempre ao mesmo lugar como se não houvesse saída.

O homem deve encontrar uma saída para ressurgir na vida”<sup>14</sup>.

Nesse sentido, a trama dos valores ilusórios, entrelaçada com a nossa vontade de continuação da vida, às vezes se acaba, às vezes se desorganiza, quebra e deixa escapar a precariedade da existência em cada homem, inexoravelmente.

Qualquer acontecimento fortuito pode impedir uma consciência de “entrar em relação com uma coisa” desejada, fazendo, assim, com que esta consciência seja anulada. A consciência, de fato, dada nessa relação, torna-se a própria afirmação e, no valor que a coisa em si possui, torna-se o próprio valor, em uma situação existencial da falta estrutural.

Entretantes, eis que a dor disfarçada que resulta da simples determinação da percepção de sua própria impotência acompanha cada momento da vontade, do desejo de vida, da *philopsychia* e torna-se medo da morte. Assim escreve Michelstaedter em *La Persuasione e la rettorica*: “O sentido das coisas, o sabor do mundo existem apenas ‘para continuar, ser vivo não é nada mais que temer a morte’”<sup>15</sup>.

Michelstaedter entra em concordância com Shopenhauer, que, em *O mundo com vontade e representação* (1819), afirma: “Para a grande parte das pessoas, a vida é apenas uma luta permanente pela existência com a certeza de uma derrota final. É isso que lhes dá toda a força para persistirem naquele desastroso conflito, não é tanto o amor pela vida, mas apenas o medo da morte”<sup>16</sup>.

Em *La persuasione e la rettorica*, Michelstaedter afirma que “Neste pequeno espaço, tendo em vista um futuro que apenas pode se autorrepetir – até que se repita – o presente, que lhe contamina, cada volta permanece sob seu controle. E onde está a vida se não o presente? Se isto não possui valor, nenhuma outra coisa o possui. Eis que quem teme a morte já está morto”<sup>17</sup>.

Todo aquele que vive, sofre, em última análise, a própria insuficiência, ou seja, a ausência da posse atual da própria vida. Se o ser humano, enquanto grau superior da natureza, em quem “a matéria... vê a si mesma”<sup>18</sup> não toma nas próprias mãos a coragem de “encarar a morte... encarar com os olhos abertos a escuridão e iluminar o abismo da própria insuficiência”, recai na busca da individualidade ilusória, que parece ser suficiente, transforma a “dolorosa ausência”<sup>19</sup> em um monte de necessidades particulares e projeta-se um futuro, que sempre está por vir, a satisfação da deficiência atual.

Se, em vez cada ser humano reconhecer na experiência da dor e da angústia a própria falta constitutiva, não pode mais se iludir quanto ao modo de preencher a insatisfação para com o futuro, nem, tampouco, ajustar-se à suficiência enganadora daquilo que lhe é dado. Isto significa “ser juiz da própria vida”<sup>20</sup>, exigência imprescindível de *A persuasione e la rettorica*.

A dor se caracteriza como um elemento desconcertante, que perturba a trama vital e destrói os contornos do conhecimento, expondo violentamente o homem à nudez da pobreza da sua condição ontológica, e, enfim, abre-lhe um vácuo inesperado de reflexão.

O enfrentamento da situação-limite, na qual a existência se encontra radicalmente em jogo, oferece uma oportunidade ao ser humano, na medida em que ele se abre para a reflexão, sem uma resposta preconcebida; no momento em que se interroga radicalmente, tem a chance escolher entre continuar nos caminhos da retórica ou encaminhar-se para o longínquo caminho da persuasão.

No instante em que “a obscuridade se torna visível”, o discurso silencia, e no silêncio inesperado, segundo Michelstaedter, “a dor muda e cega em relação às coisas que, pensando existir, já não existem, existirão... a palavra eloquente e a visão distante”, e num prazer tênue, nas dores finitas de todas as coisas, cada um sentirá falar

e enxergará um bem, que, de outra forma, não tem “a coragem de querer”<sup>21</sup>. Assim, “na própria dor, sua referência”<sup>22</sup>, ousará caminhar onde não há caminho para a “aurora de um novo dia”<sup>23</sup>, com a única certeza de que não é possível ajustar-se à suficiência ilusória.

Não é maneira mais indicada “pela qual podes alcançar a vida”, como se não fosse uma palavra pudéssemos gritar ao mundo exterior, “porque a vida pertence ao momento do criar tudo em si, do não ajustar-se de nenhuma maneira” pré-constituída, ainda que a mesma “língua não exista, mas poderia criá-la, poderia criar o mundo, poderia criar cada coisa para possuir, tu, a vida”, afirma Michelstaedter<sup>24</sup>.

Certamente podem haver aqueles mais espertos, mas rapidamente podem calar-se em seu próprio nome. No esforço de alcançar em primeira pessoa a palavra autêntica, que recupera a unidade da vida e do pensamento, o homem da persuasão escapa do mecanismo da recíproca “adulação” e guarda, além de tudo, o domínio linguístico da retórica, rumo à ausência, de uma falta que “é comum a todas as coisas” e revela a nulidade do ente, assim como o seu caráter abissal e a sua abertura infinita. Distanciando-se do mundo da retórica, inicia uma busca solitária e infinita.

Refazer os caminhos da palavra autêntica, persuadida, neste lugar distante dos rumores da retórica, parece mesmo impossível; mas é o próprio impossível que é requisitado: este refazer, apesar de tudo, é o esforço trágico de Michelstaedter, que pensa e vive a impossível necessidade de uma outra pátria, uma outra paz, uma outra justiça, ou o desejo de uma dimensão escatológica que possa pensar de modo universal com a metáfora de Claudio Magris: um outro mar<sup>25</sup>.

A coragem do impossível, evocada em Michelstaedter, é a tensão que leva a manter o abismo da “falta” até o extremo da nossa força, e a reconhecer a nossa insuficiência, para amar a vida naquilo que ela é em si mesma, afirmando-a a partir do que ela é, sem depender de uma referência externa, com a honestidade de reconhecer e negar a própria violência em relação às origens, que se deve, em última análise, à um “desejo de continuação”, e alcançar, assim, uma fusão entre existência e significado. E, depois de tudo, o prêmio é viver “no impossível, na insuportável alegria de um presente mais pleno”, com os outros e as coisas, ao mesmo tempo.

“A coragem do impossível é a luz que rompe a nevoa, diante da qual desaparece o medo da morte e o presente se torna vida”<sup>26</sup>. E ao seguir o seu percurso heroico-sacrificial, como o falcão ao lançar-se em seu voo para o alto, continua a provocar admiração e encanta em comparação com o voo conturbado de muitos corvos! Isso se reflete como uma luz de um mundo desconhecido. É uma situação parecida com aquela que acontece com o *scirocco*<sup>27</sup>. No inverno, quando o *scirocco* ininterrupto faz desaparecer o sol, durante um dia que parece cinzento do que outros, aparecem, no horizonte distante, raios reluzentes que mostram a montanha em glória perante o sol, e parece ser um outro mundo, passando-nos uma sensação de esquecermos nosso pesadelo radicalmente, reabrindo nosso coração para a esperança.

Carlo Michelstaedter propõe uma mudança radical do sentido para o conhecimento, para a vida, a dor, a morte, para o mistério, atribuindo uma mudança das relações dos homens entre si, assim como, das relações dos homens com as coisas. Para aqueles que já descobriram este novo sentido, conhecer não é mais dominar a complexidade das coisas, ou mesmo defender-se dela, no sentido de controlá-la, reduzindo-a a esquemas padronizados, mas aceitá-la, e, assim sendo, colocar-se em relação com ela, “através de uma atividade rumo à paz”<sup>28</sup>.

O caminho para a persuasão é traçado e seguido em um mundo no qual não existe mais nenhuma garantia, marcado por uma impossibilidade de síntese, da composição entre força contraposta e necessária, privilegiando o ser sobre o ter,

mantendo unidos, ao máximo possível, amor e rigor racional, amor e verdade, com a busca da posse atual do presente, livrando-se da ansiedade que marca uma busca pelo futuro, não dependendo de coisas externas para viver, mas respeitando tudo que puder respeitar no mundo, “amar..., transmitir os valores individuais, identificar-se com eles”<sup>29</sup>.

Toda e qualquer ação que praticamos nasce com o objetivo de erradicar a violência na sua origem, e constitui-se como uma busca permanente para fazermos justiça, para a erradicação do mal, do qual cada ser participa na condição de indivíduo.

Apesar da grandeza e alcance dessa filosofia sobre a vida, a existência e o pensamento de Carlo Michelstaedter<sup>30</sup>, autor em estudo, entretanto, foram interrompidos por uma morte precoce e violenta. Resta-nos, ainda assim, a partir da unidade de sua obra, como se fosse uma obra de arte contemporânea que se compõe de pedaços que sobram depois de uma grande explosão, e apesar da dispersão de suas partes, conseguimos enxergar uma certa universalidade da obra, um conjunto da obra. Resistindo, eles os pedaços dispersos recusam a violência do ato e nos transmitem a esperança da possível regeneração da reconstrução da arte, esperança de alcançar o poder revolucionário e misterioso da linguagem que expressa as coisas e comunica algo, sempre a partir da experiência da ontogênese, a partir de um indivíduo .

O objetivo que me é permitido perseguir é um novo humanismo na consciência da tragicidade do existir.

## REFERÊNCIAS

- C. MICHELSTAEDTER, *Taccuino O*, 7 agosto 1905.  
C. MICHELSTAEDTER, *Opere*, editado por G. Chiavacci, Firenze, Sansoni, 1958.  
MICHELSTAEDTER, *Scritti scolastici*, editado por S. Campailla, Gorizia, Il comune, 1976.  
C. MICHELSTAEDTER, *Il dialogo della salute*, editado por S. Campailla, Milano, Adelphi, 1988.  
C. MICHELSTAEDTER, *La persuasione e la rettorica*, editado por S. Campailla, Milano, Adelphi, 1982.  
A. SCHOPENHAUER, *Il mondo come volontà e rappresentazione*, Milano, Mursia, 1969.  
A. CAVAGLION, Una giovinezza immortale. Michelstaedter e Tolstoj, in *Dialoghi intorno a Michelstaedter*, editado por S. Campailla, Gorizia, Biblioteca Statale Isontina, 1988.  
C. MAGRIS, *Un altro mare*, Milano, Garzanti, 1991, 1º ed.  
Revista “*Humanitas. Carlo Michelstaedter*”, n.5/2011, editado por A. Michelis  
M. PROUST – C. MICHELSTAEDTER, LESSICO FAMILIARE. *Questionari e confessioni*, editado por A. Cavaglion e A. Michelis, Torino, Aragno, 2014.

## NOTAS

- 1 N.T. Tradução de Bartolomeu Leite da Silva [UFPB]. A obra em estudo neste artigo “LESSICO FAMILIARE. Questionari e confessioni”, dos autores Marcel PROUST/Carlo Michelstaedter não possui tradução em português do Brasil. A autora do artigo é especialista no tema, e representa o grupo de pesquisadores sobre o autor junto à biblioteca de Gorizia, Itália, curadora da obra completa de Carlo Michelstaedter. As partes citadas desta obra foram traduzidas com o objetivo de melhor apresentar o texto à comunidade brasileira/lusófona, porém sem a pretensão de tornar oficial ou cobrar direitos desse fato.
- 2 Cf. M. PROUST – C. MICHELSTAEDTER, LESSICO FAMILIARE. *Questionari e confessioni*, editado por A. Cavaglion e A. Michelis, Torino, Aragno, 2014. A publicação supramencionada oferece ao público a transcrição das partes que contém as respostas aos

questionários, com um estilo erudito dos padrões literários do séc XIX e início do séc. XX nas famílias da burguesia judaica da Europa. Através da leitura e da interpretação fiel da tais "confissões", os curadores se lançam com o objetivo de revelar ao leitor interessantes redes de relação, e fazendo-o perceber dados que aprofundam o cenário e dão novos instrumentos para compreender mais profundamente a personalidade grandiosa de intelectuais de famílias judaicas do tempo em que viveu Michelstaedter, Cassuto, Della Pergola, para citar alguns, e Proust. Aqui analisaremos a resposta de Carlo Michelstaedter colocando-o em relação com sua personalidade e a obra no seu conjunto.

- 3 Cf. A. CAVAGLION, *Una giovinezza immortale. Michelstaedter e Tolstoj*, in *Dialoghi intorno a Michelstaedter*, editado por S. Campailla, Gorizia, Biblioteca Statale Isontina, 1988, pp. 75-88.
- 4 Cf. M. PROUST – C. MICHELSTAEDTER, *LESSICO FAGLIARE. Questionari e confessioni*, cit., pp. 62-65.
- 5 Cf. C. MICHELSTAEDTER, *Taccuino O*, 7 agosto 1905, pp. 9-10; propriedade da Biblioteca Civica de Gorizia.
- 6 C. MICHELSTAEDTER, *Scritti scolastici*, editado por S. Campailla, Gorizia, Il comune, 1976, p. 3.
- 7 C. MICHELSTAEDTER, *Taccuino O*, cit., pp. 9-10.
- 8 C. MICHELSTAEDTER, *Scritti scolastici*, cit., p. 3.
- 9 C. MICHELSTAEDTER, *Questione centrale*, in *Opere*, editado por G. Chiavacci, Firenze, Sansoni, 1958, p. 849.
- 10 C. MICHELSTAEDTER, *Il dialogo della salute*, editado por S. Campailla, Milano, Adelphi, 1988, pp. 63-64.
- 11 Cf. C. MICHELSTAEDTER, *Pessimista è l'imperfetto pessimista*, in *Opere*, cit., pp. 705-706.
- 12 *Ibidem*.
- 13 *Ibidem*.
- 14 C. MICHELSTAEDTER, *La persuasione e la retorica*, editado por S. Campailla, Milano, Adelphi, 1982, pp. 73-74.
- 15 *Ivi*, p. 69.
- 16 A. SCHOPENHAUER, *Il mondo come volontà e rappresentazione*, Milano, Mursia, 1969, pp. 353-354.
- 17 Cf. C. MICHELSTAEDTER, *La persuasione e la retorica*, cit., p. 69.
- 18 C. MICHELSTAEDTER, *Opere*, cit., p. 808.
- 19 C. MICHELSTAEDTER, *Il dialogo della salute*, cit., pp. 84-85.
- 20 C. MICHELSTAEDTER, *La persuasione e la retorica*, cit., p. 129, e *Il dialogo della salute*, cit., p. 85.
- 21 Cf. C. MICHELSTAEDTER, *La persuasione e la retorica*, cit., p. 85.
- 22 *Ivi*, p. 104.
- 23 *Ivi*, p. 86.
- 24 *Ivi*, p. 103.
- 25 C. MAGRIS, *Un altro mare*, Milano, Garzanti, 1991, 1° ed. Trad. inglês xxx
- 26 C. MICHELSTAEDTER, *La persuasione e la retorica*, cit., p. 82.
- 27 N.T. Scirocco: optamos por manter essa palavra no original por se tratar de um fenômeno local. Scirocco significa: vento quente e úmido que sopra do sudeste, típico das regiões mediterrâneas. Lembramos que as confissões, acima, localizam-se, geograficamente, ao norte da Itália. Cf. <http://www.garzantilinguistica.it/ricerca/?q=scirocco> e <http://www.portalitalia.com.br/diccionario/diccionario.asp>
- 28 *Ivi*, p. 89.
- 29 *Ivi*, p. 83.
- 30 Para leituras complementares, ou mesmo diferentes interpretações, cf. o número especial dedicado a Carlo Michelstaedter, da revista *Humanitas*, n.5/2011.